



## **Ensino-aprendizagem da língua inglesa na segunda fase do ensino fundamental: uma abordagem crítico reflexiva sobre a prática docente**

Isac Rocha da Silva<sup>1\*</sup>, Francisco Roberto da Silva de Carvalho<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Campus Ariquemes, Ariquemes - RO. <sup>2</sup>Mestrando em Educação pela UNIR. Técnico em Assuntos Educacionais do IFRO, Campus Ariquemes, Ariquemes - RO.

\*Autor para correspondência: Isac Rocha da Silva (isac.silva@ifro.edu.br)

### **Resumo**

A língua inglesa é reconhecidamente nos dias atuais como língua franca mundial. Esta posição lhe confere um importante papel nas relações socioculturais, políticas e econômicas entre as diversas nações do mundo. Assim sendo, o ensino da referida língua estrangeira nas escolas é de suma importância para inserir o educando no mundo plurilíngue e pluricultural. Nesse processo, a qualificação do professor de língua inglesa é fator fundamental para que se alcance um ensino de qualidade e que possa produzir aprendizagem efetiva. Frente a isso, o presente trabalho objetivou investigar a qualidade do ensino de língua inglesa praticado no município de Monte Negro - Rondônia, com ênfase na prática docente, utilizando-se como metodologia, pesquisa exploratória por meio de revisões bibliográficas e pesquisa de campo, no qual teve como sujeitos dez professores da referida área, nas seis escolas que integram a rede pública municipal de ensino das zonas urbana e rural. Os resultados apontam que a formação docente inicial e continuada, aliada ao suporte pedagógico, seria decisivo para qualificar o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, considerando que o professor precisaria desenvolver não apenas o domínio pleno das habilidades na língua que ensina, mas, sobretudo, conhecer e saber aplicar as metodologias e abordagens que norteiam o ensino de língua estrangeira, com o objetivo de orientar a construção do conhecimento do educando de maneira significativa e interativa, valorizando-o assim, como ser social. Nesse contexto, os sistemas de ensino e a escola devem prover estrutura e qualificação profissional ao professor para que este possa desempenhar de maneira satisfatória suas funções.

**Palavras-chave:** língua franca, pluricultural, qualificação do professor, aprendizagem efetiva.

## **Teaching-learning of English in the second phase of Elementary school: a critical reflexive approach to teaching practice** Versão inglês do título

### **Abstract**

The English language is known today as a global language. This position gives it an important role in socio-cultural relationship, and economic politics among the various nations of the world. Thus, the foreign language teaching in public schools is extremely important to place the child in multilingual and multicultural world, in which case the English teachers' qualification is essential to achieve high-quality education and that learning can take effect. The aim of this work was to investigate the quality of English language teaching practiced in the municipality of Monte Negro - Rondônia, with emphasis on teaching practice, using as an exploratory research methodology through bibliographical reviews and field research having as subjects ten teachers of that area, in the six schools that integrate the municipal public school system of urban and rural areas. The results show that initial and continuing teacher training, coupled with pedagogical support, is decisive for qualifying the teaching and learning process of English language, considering that the teacher needs to develop not only the full mastery of the skills in the language that he teaches, Above all, to know and apply the methodologies and approaches that guide foreign language teaching, in order to orient the construction of the learner's knowledge in a meaningful and interactive way, valuing it as well as being social. In this context, education systems and the school must provide the teacher with a professional structure and qualification so that the teacher can satisfactorily perform his or her functions.

**Key-words:** global language, multicultural, teacher's qualification, effective learning.

### **Introdução**

A língua inglesa atingiu *status* de língua franca mundial, assim parte significativa da linguagem midiática, empresarial, dos grandes eventos culturais, esportivos e científicos utilizam-se maciçamente desta, como veículo de comunicação e interação.

Na atual conjuntura faz-se necessário que o educando se desenvolva enquanto falante competente capaz de utilizar a língua comunicativamente frente a diferentes contextos e possa refletir criticamente sobre seu próprio processo de aprender. A língua inglesa é uma importante ferramenta de inclusão sociocultural e profissional e porque não dizer libertação. Tal afirmação é corroborada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCNs-LE, 1998, p. 19). Ao ensinar uma língua estrangeira, o docente deve considerar a sua natureza social, pois quem aprende considera aquele que a dirige ou a quem produz o enunciado. Contudo, tanto a interação oral como escrita são crucialmente marcadas pelo

mundo social que as envolve, em um determinado momento e espaço, em relação a quem se dirigem ou a quem se dirigiu a elas. É neste momento que o significado social é construído. Desse modo, estes significados refletem o mundo social através da discursão, que são caracterizados pelo confronto entre o que é falado e o que é veiculado através das percepções, crenças, visões de mundo, entre outros.

Com o PCN de Língua Estrangeira, o professor deve possibilitar ao aluno o conhecimento sobre sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira nos vários graus. Possibilitando também o envolvimento do aluno, com o processo de construção do significado da língua, transformando-se em um ser discursivo no uso de uma língua estrangeira.

Diante desta realidade global, o educador capacitado apresenta-se como fundamental, uma vez que o aluno precisa estar motivado a aprender um novo idioma. Portanto nota-se a importância de um docente habilitado frente ao processo de ensino aprendizagem, que domine as competências linguísticas e comunicativas, assim como os métodos e abordagens de ensino de forma a orientar sua prática pedagógica e adequar-se à realidade do aprendiz.

A língua estrangeira pode auxiliar o aluno na educação linguística como um todo, melhorando a consciência do fenômeno linguístico, e aprimorando seu nível de letramento.

Devemos considerar ainda, que a consciência crítica desenvolvida nas pessoas que usam os saberes adquiridos e que trazem para o aluno com a percepção da linguagem como fenômeno social, o que é caracterizado como uma natureza social e interativa da linguagem, de forma que seja trabalhado a interdisciplinaridade.

Os sistemas de ensino, a escola e o professor, devem estar aptos a desempenharem suas funções da maneira mais satisfatória possível, já que o principal beneficiado ou prejudicado por suas ações é o aluno. Portanto, negar-lhe um ensino de qualidade é atentar contra sua cidadania.

Pretende-se esclarecer o entendimento acerca de alguns termos usados na presente pesquisa, que tradicionalmente convencionou-se a utilizar como sinônimos de outros, assim como as “roupagens” contemporâneas de algumas palavras estabelecidas pela necessidade da criação de conceitos (amplos ou restritos) mais específicos que comportassem os novos estudos.

De acordo com Saussure a língua é um conjunto de signos, este define também que a linguagem é um agente transformador: “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo

tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” Saussure (1989, p. 16).

O mesmo autor retrata que a língua é o objeto de estudo e que esta se diferencia da fala:

[...] a língua é o produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe (SAUSSURE, 1989, p. 16).

O autor Guimarães(2001) em seu artigo “Os estudos sobre linguagens, uma história das ideias” retrata bem o pensamento de Saussure no seguinte trecho:

Estamos diante de uma concepção da língua como sistema, que substitui a concepção naturalista, organicista, e atomista, própria do comparatismo. E ao lado dessa distinção Saussure coloca uma outra, a distinção entre sincronia e diacronia. Assim, embora ele reconheça o lugar dos estudos das mudanças, considera que a lingüística deveria colocar no centro de seu interesse o estudo do sistema da língua, num momento dado (GUIMARÃES, 2001).

Em tempos recentes, dado à abrangência histórica com que se usava o termo método, por exemplo, que de acordo com Leffa passou-se a subdividi-lo em abordagem e método propriamente dito:

A abordagem é o termo mais abrangente e engloba os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem. As abordagens variam na medida em que variam esses pressupostos. O pressuposto, por exemplo, de que a língua é uma resposta a um estímulo e de que a aprendizagem se dá pela automatização dessas respostas vai gerar uma abordagem para o ensino de línguas – que será diferente da abordagem gerada pela crença de que a língua é uma atividade cognitiva e de que a aprendizagem se dá pela internalização das regras que geram essa atividade (LEFFA, 2004, p. 02).

Ainda segundo o mesmo autor, o método tem uma abrangência mais restrita e pode estar contido dentro de uma determinada abordagem:

Não se trata dos pressupostos teóricos da aprendizagem de línguas, mas de normas de aplicação desses pressupostos. O método, por exemplo, pode envolver regras para a seleção, ordenação e apresentação dos itens linguísticos, bem como normas de avaliação para a elaboração de um determinado curso (LEFFA, 2004, p. 03).

Concorda Almeida Filho (2002), quando afirma que, entende-se convencionalmente por métodos as distintas e reconhecíveis práticas de ensino de línguas e seus respectivos

correlatos. Segundo o autor, abordagem de ensino é uma espécie de filosofia, uma força potencial capaz de orientar todas as decisões e ações da operação global de ensinar línguas, que será abordada mais a frente.

Outra problemática terminológica está relacionada à definição de aprendizagem e aquisição da linguagem, pois alguns teóricos os aplicam como sinônimos. Porém em conformidade com Leffa (2004), tende-se atualmente a um refinamento com a distinção entre os dois processos de como se desenvolve a linguagem:

Entende-se por aprendizagem o desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicitação de regras. Aquisição é o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua, obtido normalmente através de situações reais, sem esforço consciente (LEFFA, 2004, p. 03).

Krashen reforça através de sua teoria esta distinção:

Aquisição é produto de um processo subconsciente muito similar ao processo pelo qual as crianças passam quando adquirem sua língua materna. Ela exige uma interação na língua alvo - comunicação natural - na qual os falantes estão concentrados não na forma de suas elocuições, mas no ato comunicativo. Já a aprendizagem é produto de instrução formal e compreende um ato consciente sobre o conhecimento da língua, por exemplo, o conhecimento das regras gramaticais (KRASHEN, 2007).

Para se analisar no tocante as diferenciações em que são empregados os termos, segunda língua e língua estrangeira, deve-se levar em consideração em que contexto se dá o processo de ensino e aprendizagem de uma língua dentro de uma nação. Assim, segundo Leiria:

[...] é hoje consensual que, se quer estabelecer o contraste entre LS e LE, o termo LS deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro de fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida; enquanto que o termo LE deve ser usado para classificar a aprendizagem e o uso em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico (LEIRIA, 1999).

Dentro desse contexto, competências e habilidades apresentam-se com grande relevância e são assim definidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (1999):

Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do 'saber fazer'. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam se, possibilitando nova reorganização das competências (INEP, 2000, p.7).

## **1. Contexto histórico do ensino de língua estrangeira no Brasil - língua inglesa**

Com o descobrimento do Brasil em 1500, os jesuítas vieram para a nova terra com o objetivo de ensinar a língua portuguesa para os índios, assim como arregimentar novos fieis para a igreja católica.

No ano de 1758 foi lançado o alvará de 28 de julho, o qual determinava a instituição de aulas de gramática de Latim e Grego, as quais eram ministradas nos moldes jesuíticos e prevaleciam como disciplinas dominantes na formação dos alunos até a chegada da família real em 1808. Este evento foi fundamental para que a língua inglesa fosse incluída oficialmente no currículo escolar ao lado da língua francesa.

Posteriormente, considerou-se o Português como sendo a primeira língua estrangeira a ser ensinada em território brasileiro. Contudo, os desentendimentos entre a coroa portuguesa e a companhia de Jesus culminaram na expulsão dos padres e a proibição do ensino da língua Tupi. A língua portuguesa foi declarada língua oficial do Brasil.

O ensino de língua inglesa iniciou-se no século XIX, quando foi assinado o decreto de 22 de junho de 1809 pelo Príncipe Regente de Portugal D. João VI. Logo, a interação entre Brasil e Inglaterra vem desde os períodos em que o país era colônia portuguesa, onde os ingleses mantinham um relacionamento de interesses comerciais. Oliveira cita um trecho desse decreto:

E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa (OLIVEIRA, 1999, p. 5).

Em 1889 foi proclamada a república e as línguas inglesa e alemã são declaradas opcionais no currículo escolar. No final do século XIX elas tornam-se obrigatórias para algumas séries.

A reforma Capanema ocorrida em 1942, durante o governo Vargas trouxe para o currículo o latim, o francês e o inglês no curso ginasial; no colegial o latim foi substituído pelo espanhol, mas mantiveram o francês e o inglês.

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação retira a obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira no curso colegial e deixa a cargo dos estados a opção pela inclusão nos currículos das últimas quatro séries do ginásio.

O Ministério da Educação publica em 1976 a resolução 58/76 que torna obrigatório o ensino de língua estrangeira moderna nas escolas, especificamente no curso colegial. Dessa

forma recupera-se parcialmente o ensino de língua estrangeira. Em 1996 vinte anos depois foi publicada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que ficou conhecida como Lei Darcy Ribeiro, a qual resgatou totalmente o ensino de língua estrangeira moderna, tornando obrigatória sua oferta desde a 5ª série do ensino fundamental até o ensino médio, este com a particularidade de contar com duas disciplinas de língua estrangeira na grade, sendo uma opcional e a outra à escolha da comunidade.

## **2. Os parâmetros curriculares nacionais de língua estrangeira e o ensino de língua inglesa no Brasil**

Após décadas de debate e estudo acerca do ensino e aprendizagem de língua estrangeira moderna no Brasil e sua relevância no currículo escolar, foram elaborados em 1998 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Estrangeira, os quais visam nortear o ensino de Línguas nas escolas. Em suas considerações preliminares afirmam:

Este documento procura ser uma fonte de referências para discussões e tomada de posição sobre ensinar e aprender língua estrangeira nas escolas brasileiras. Portanto não tem um caráter dogmático, pois isso impossibilitaria as adaptações exigidas por condições diversas e inviabilizaria o desenvolvimento de uma prática reflexiva (BRASIL, 1998, p. 19).

Assim percebe-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira não se caracterizam em um documento fechado, mas sim, como sugere o próprio nome, um parâmetro que direciona e oferece suporte para a reflexão de revisão da prática pedagógica, adaptável à realidade do aluno e do professor.

Os PCNs visam levar a escola a refletir sobre seu papel no processo de ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira e assegurar um direito dos educandos garantido por lei:

Primordialmente, objetiva-se restaurar o papel da Língua Estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira juntamente com a língua materna, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na lei de Diretrizes e Base e na declaração universal dos Direitos linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN- Club Internacional- sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem (BRASIL, 1998, p. 19).

Há mais de uma década após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira tem se notado as persistentes lacunas de ordens diversas no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa nas escolas públicas, como já enumeradas no documento em questão:

Todas as propostas apontam para as circunstâncias difíceis em que se dá o ensino aprendizagem de Língua Estrangeira: falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicando à matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente (BRASIL, 1998, p. 24).

Toda essa problemática faz com que a escola não consiga cumprir seu papel na formação plena do cidadão. E o professor vê-se impossibilitado de desenvolver um trabalho efetivo por falta de subsídios pedagógicos, até mesmo na maioria das vezes por não ter conhecimento específico e as competências necessárias para que o processo de ensino aprendizagem de Língua Estrangeira seja o mais satisfatório possível.

A professora Celani, (2009, p. 40) co-autora dos PCNs, afirma: “a ausência de uma política clara - em nível nacional -, [...] leva a disciplina a uma posição secundária dentro do currículo”.

E continua citado em sua reflexão:

[...] existe uma descrença geral no meio educacional em relação à área [...]. Outros fatores determinantes para que este quadro perdure: são faculdades sem qualidade, formando professores, as quais se proliferam pelo país, e a escassez de programas de educação continuada bem organizados (CELANI, 2009, p. 40).

Quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais nesse contexto, qual a sua importância e contribuição para otimizar o ensino de língua inglesa nas escolas públicas?

Quanto à sua importância, certamente não há dúvidas de que os mesmos constituem em avanços significativos, contudo, eles são documentos de caráter não normativo, apenas sugestivo. A ausência de Lei específica que regulamente o ensino desta disciplina faz com que se torne facultativa a tomada de decisões importantes bem como a realização de ações para a melhoria na qualidade do ensino.

### **3. Objetivos da língua inglesa para o ensino fundamental**

Em relação aos objetivos da língua inglesa para o Ensino Fundamental, estes devem estar atrelados à função social da Língua Estrangeira em relação aos alunos em questão, ou seja, ao papel dessa língua na construção da cidadania e como parte integrante da formação global do indivíduo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira ao final do Curso Fundamental o educando deve ser capaz de:

Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, de inter-relação pessoal e de



inserção social, para agir com perseverança na busca do conhecimento e no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 7).

Para que o indivíduo possa desenvolver as potencialidades anteriormente abordadas, os PCNs – LE loco citado, defende a necessidade que o educando tem em:

Utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica, e corporal – como meio de produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p.7-8).

É fato que cada vez mais o mundo vai rompendo suas fronteiras. A quantidade e velocidade em que a informação se processa expandem-se a cada dia. Com o advento da globalização os PCNs – LE consideram extremamente relevante o saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento.

#### **4. Contribuições institucionais no desempenho da prática docente**

Os recursos didáticos constituem-se em uma importante ferramenta aliada ao processo de ensino e aprendizagem de línguas, pois é através de materiais concretos que os educandos reproduzem a realidade, assim as escolas precisam se organizar de maneira a proporcionar um suporte adequado ao ensino de línguas. Santos (2001) aborda as condições precárias de estruturação das escolas públicas e ressalta a importância deste subsídio pedagógico:

Esta contribuição institucional diz respeito à estrutura física (salas amplas, laboratório, sala de áudio e vídeo) material didático-pedagógico adequado (lousa, retroprojeter, TV, livros didáticos, *Flip-Chart*, dicionários, fitas, revistas, jornais, etc.) (SANTOS, 2001, p. 30).

Abordando sobre a importância da estruturação das escolas para oferecer um ensino satisfatório, Libâneo (2003) defende que:

Uma escola bem organizada e gerida é aquela que cria e assegura condições organizacionais, operacional e pedagógico-didáticas que permitem o bom desempenho dos professores em sala de aula, de modo que todos os alunos sejam bem-sucedidos em suas aprendizagens (LIBÂNEO, 2003, p. 301).

Ainda, de acordo com artigo 67 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, estabelece que:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do

## **5. A importância da formação profissional na prática docente**

O cenário de ensino de língua inglesa nas escolas públicas brasileiras não é nada favorável, sendo longe do ideal, a começar pela forma como a rede pública encara o ensino do idioma supracitado. A escola ficaria na contramão do contexto global no que se refere ao aprendizado de línguas, ou seja, o mundo consagrou a língua inglesa como língua franca, cujo domínio é fundamental para que o aluno seja incluído no mercado de trabalho e tenha acesso às novas tecnologias (*internet, mp3,4,5,bluray,e-books, blogs, chat rooms, etc*), assim como ao mundo pluricultural que o cerca. Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que a aprendizagem da Língua Estrangeira Moderna qualifica a compreensão das possibilidades de visão de mundo e de diferentes culturas, além de permitir o acesso à informação e à comunicação internacional, necessárias para o desenvolvimento pleno do aluno na sociedade atual (BRASIL, 2002, p. 131).

Se há tantos fatores favoráveis, por que os alunos não sentem-se motivados? Onde reside o problema?

Segundo Celani (2009, p.44) o maior fator desmotivante seria a ausência de professores capacitados, os quais devem reunir certas habilidades e conhecimento, como “[...] ser capaz de falar na língua que leciona em sala, ele precisa escrever de maneira simples e correta sintaticamente, ler um artigo e entender falantes nativos [...]. O princípio é se comunicar de forma correta e compreensível”. Seria do conhecimento de todos que existem outros fatores, contudo, podemos considera-los secundários, uma vez que um professor capacitado na área poderia amenizar os empecilhos como: a falta de material didático apropriado; carga horária reduzida para cada turma; políticas públicas desfavoráveis; entre outras problemáticas que enfrentam as escolas públicas brasileiras.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 24) alguns fatores inviabilizam o ensino de Língua Estrangeira em sua plenitude, entre eles, o pouco conhecimento de habilidades específicas por parte do docente.

Tem se verificado a importância do professor e sua prática pedagógica a frente do processo de ensino aprendizagem de Língua Inglesa no contexto atual, aquecendo o debate acerca da formação profissional, na conjuntura do conhecimento das habilidades e competências específica e sua relevância na prática crítico-reflexiva do professor.

Torna-se de fundamental importância abordar alguns aspectos do ensino de Língua Estrangeira, os quais julgam-se relevantes para embasar as argumentações relativas ao que se pretende demonstrar neste estudo.

O mundo tem evoluído, as sociedades se transformado, surgem novas tecnologias, as relações de trabalho se alteram, a comunicação se renova, a vida cotidiana e até mesmo o pensamento muda. Diante disto, a formação de professores críticos-reflexivos, dinâmicos, interativos e comunicativamente competentes torna-se de suma importância para situar a escola na realidade vigente.

É preciso que as escolas elejam prioridades e que entre elas esteja o comprometimento por um ensino de língua estrangeira com qualidade, que atenda às expectativas do mundo globalizado e contribua com o processo de construção da cidadania dos educandos. O autor Almeida Filho em seu livro *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas* retrata isso no seguinte trecho:

Para produzir impacto (perceptível), mudanças (profundas) e inovações (sustentadas) não são suficientes alterações apenas no material didático, mobiliário, nas verbalizações do desejável pelas instituições, nas técnicas renovadas e nos atraentes recursos áudio-visuais. São cruciais novas compreensões vivenciadas da abordagem de aprender dos alunos e da abordagem de ensinar dos professores. A abordagem (ou cultura) de aprender é caracterizada pelas maneiras de estudar, de se preparar para o uso, e pelo uso real da língua-alvo que o aluno tem como normais (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 13).

O educando ao se deparar com o sistema de ensino completamente anacrônica em relação ao mundo globalizado, à evolução tecnológica, ao surgimento de novas mídias e a afirmação da língua inglesa como língua universal, não se sente motivado a aprender esse idioma cada vez mais necessário à construção da cidadania e inserção no mercado de trabalho. Diante deste contexto, torna-se importante que o aluno mude sua visão do ensino e que o sistema escolar amplie sua concepção para que se possa modificar o conceito que a educação transmite perante o ensino - aprendizagem de língua inglesa.

Leffa (2001) afirmou que um professor de língua estrangeira quando ensina, toca o aluno na sua essência como ser humano analisando a própria ação do verbo ensinar, que significa provocar uma mudança, estabelecendo uma relação com a capacidade de evoluir. Ainda segundo este mesmo autor, formar um profissional competente, comprometido com a educação não tem sido tarefa meramente acadêmica, mas uma questão política. O autor chama a atenção para um aspecto importantíssimo da formação quando declara:

A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas de conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula. A formação de um profissional competente nessas duas áreas de conhecimento, língua e metodologia, na medida em que envolve a definição do perfil desejado pela sociedade, é mais uma questão política do que acadêmica. A sala de aula não é uma redoma de vidro, isolada do mundo, e o que acontece dentro da sala de aula está condicionado pelo que acontece lá fora. Os fatores que determinam o perfil do profissional de línguas dependem de ações, menos ou mais explícitas, conduzidas fora do ambiente estritamente acadêmico e que afetam o trabalho do professor (LEFFA, 2001, p.336).

Outro aspecto a ser considerado na formação dos professores seria o que defende Perrenoud (2001, p. 102) “um profissional que deve reunir as competências de alguém que elabora conceitos e executa-os, alguém capaz de solucionar problemas que surgirão em sua prática”.

Em relação à formação docente Paulo Freire (1996, p. 39) analisa a necessidade de que o professor tem que refletir sobre sua prática, segundo ele “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

O docente que reflete criticamente sobre sua atuação em sala de aula e nos diferentes contextos sociais seria capaz de qualificar a sua prática, otimizando assim, seu papel como facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, compreende-se a necessidade do professor estar em constante atualização para acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade, da qual não deve ser mero expectador, mas agente imprescindível deste processo.

Este perfil somente seria obtido se os cursos de formação de professores ensinarem seus alunos a refletirem sobre suas práticas, a serem críticos de si mesmos.

O professor de língua inglesa que reflete criticamente sobre sua atuação, certamente concluirá que em uma sociedade mutante, ele e a escola não podem permanecer imóveis.

## **6. Aprendizagem significativa**

Torna-se de fundamental importância definir qual o foco ou focos do ensino de língua inglesa. Recorrendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira vemos que:

Esse sistema de focos para indicar o que ensinar tem por objetivo organizar uma proposta de ensino que garanta para todos, na rede escolar, uma experiência significativa de comunicação via língua Estrangeira, por intermédio do uso de uma lente padrão. Isso é o que foi chamado de engajamento discursivo por meio de

leitura em língua estrangeira, que se pauta por uma questão central [...]: dar acesso a todos a uma educação lingüística de qualidade (PCN, 1998, p. 21).

A partir desses pressupostos pode-se afirmar que há uma distância entre o ensino ideal de língua inglesa nas escolas públicas. No entanto, a maioria das propostas educativas no ensino de línguas oferece uma abordagem comunicativa, mas ainda, tem-se aplicado muito a estrutura gramatical fora de qualquer contexto. Infelizmente, pouco avançou-se nesta área, a Língua Estrangeira continua sendo tratada como algo sem importância, ignorando-se completamente o que orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira:

A língua Estrangeira tem um valioso papel construtivo como parte integrante da educação formal. Envolve um complexo processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, com valor intrínseco importante no processo de capacitação que leva à libertação. Em outras palavras, língua estrangeira é parte da construção da cidadania (PCN, 1998, p. 41).

Tem sido comum os alunos não gostarem das aulas de língua estrangeira, contudo, cabe ao professor e principalmente aos gestores dos sistemas educacionais, mudarem essa realidade. Macedo (2000) parafraseando Piaget considerou a atuação do professor como indispensável, na medida em que deve se ter um papel ativo no processo cognitivo de seus alunos, ajudando-os a construir e organizar suas ideias, maximizando o olhar sempre que possível, estimulando a pesquisa e ação intencional.

Toda situação de aprendizagem a qual o educando é exposto ocorre uma tentativa de atribuir sentido a ela. Essa associação é extremamente relevante para a construção do significado, pois permite que o aprendiz aproxime situação abstrata do real, ação favorável para concretização de uma aprendizagem significativa.

Furtado afirma que:

A aprendizagem profunda ocorre quando a intenção dos alunos é entender o significado do que estudam, o que os leva a relacionar o conteúdo com aprendizagens anteriores, com suas experiências pessoais, o que, por sua vez, os leva a avaliar o que vai sendo realizado e a perseverarem até conseguirem um grau aceitável de compreensão sobre o assunto (FURTADO, 2007, p. 46).

Diante desse contexto, o professor não deve assumir um papel de transmissor de conhecimento pronto e acabado, mas sim mediar o processo desta construção:

Eis o passaporte para a acomodação cognitiva. Dar resposta é contar o final do filme. Polpa o sofrimento de vivenciar a angústia de imaginar diferentes e possíveis situações, de exercitar o modelo de ensaio – e – erro, enfim polpa o aluno do exercício da aprendizagem significativa (FURTADO, 2007, p. 45).

Para que o educando possa aprender de forma significativa faz-se necessário uma reflexão crítica sobre a abordagem de ensinar do professor.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira, o modelo como muitos professores ainda ministram suas aulas não tem contribuído para o desenvolvimento da aprendizagem significativa de seus educandos:

Na tentativa de facilitar a aprendizagem [...], há uma tendência a se organizar os conteúdos de maneira excessivamente simplificada em torno de diálogos pouco significativos para os alunos ou de pequenos textos, muitas vezes descontextualizados, seguido de exploração das palavras e das estruturas gramaticais, trabalhados em forma de exercícios de tradução, cópia, transformação e repetição (PCN, 1998, p. 54).

## **7. Abordagem comunicativa no ensino de línguas**

De acordo com Almeida Filho(2002), para ser significativa a língua precisa ser abordada no contexto comunicativo, assim, o professor deve ser capaz de desenvolver um complexo conjunto de ações o qual intitulou operação global:

Essa operação global compreende o planejamento de cursos e suas unidades, a produção e seleção criteriosa de materiais, a escolha e construção de procedimentos para experimentar a língua-alvo, e as maneiras de avaliar o desempenho dos participantes (ALMEIDA FILHO, 2002, p.13).

Quando se fala, utilizam-se os códigos da língua para expressar aquilo que se pretende transmitir. Assim, a principal função da linguagem é a comunicação. Ainda segundo Almeida Filho (2002, p. 23), “o objetivo maior e subjacente a todos os atos de ensinar do professor é propiciar desenvolvimento nos alunos de competências da língua-alvo”.

Porém, é fundamental refletir acerca do que ensinar, para quem, e com que objetivo. Então quais as habilidades devem ser desenvolvidas no ensino fundamental?

Gláucia D’Olim (2001), professora de pós-graduação na área de Linguagem e Educação da Universidade de São Paulo, explica que o ideal seria trabalhar todas as habilidades conjuntamente (ler, escrever, falar, ouvir). Segundo a autora, isso possibilitaria uma situação mais próxima do cotidiano do aprendiz.

Concorda Leffa que na abordagem comunicativa no ensino de Língua Estrangeira:

[...] não existe restrições quanto ao uso da língua materna. Em cursos gerais as quatro habilidades são apresentadas de modo integrado, mas dependendo dos objetivos, pode haver concentração em uma só. O desenvolvimento do vocabulário passivo é defendido. O uso da língua materna é permitido, principalmente no início do curso ou quando se deseja criar um contexto para o uso e aprendizagem da L2 (LEFFA, 2004, p. 18).

Mas para que os aprendizes desenvolvam essas competências no ensino fundamental, que língua o professor deve utilizar em sala de aula e quais os desafios desse processo?

Para desenvolver uma aprendizagem eficiente e significativa da língua, é preciso que os educandos estejam em constante exposição a esse idioma, e sobretudo, observar os objetivos linguísticos pretendidos. Assim, para que o aluno possa desenvolver competência comunicativa satisfatória, seu maior referencial de conversação é o professor, que também media e orienta o desenvolvimento das demais habilidades e competências com o apoio dos materiais didáticos criteriosamente selecionados para cada objetivo.

Mas, no tocante, a qual idioma (falar na língua alvo ou em língua materna) o professor contribui com o processo de aprendizagem, Cavalcante sugere que:

[...] alterne o uso do idioma estudado com o do português, de acordo com o nível de conhecimento da turma. Se você falar em outro idioma o tempo todo, corre o risco de angustiar e inibir os alunos. O contrário também prejudica, pois eles precisam ser expostos à língua que estão estudando (CAVALCANTE, 2004, p. 55).

Nessa alternância de idiomas, conforme a familiarização da língua por parte dos alunos, o professor pode potencializar gradativamente a frequência do uso da língua estrangeira, até torná-los capazes de comunicarem-se competentemente na língua alvo, seja ela escrita ou falada. Entretanto, o tempo dedicado a essa disciplina no currículo escolar e outros fatores citados anteriormente, são fatores que dificultam o domínio pleno do idioma, no caso específico, a língua inglesa:

A aquisição ótima de uma LE estaria ainda condicionada ao tempo necessário para o aprendiz iniciar interações e a um contexto lingüístico comunicativo, de uso propositado da língua-alvo, onde seria perceptível a relevância pessoal do material-amostra para o aprendiz (ALMEIDA FILHO, 2002, p. 27).

Em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira:

O estímulo à capacidade de ouvir, discutir, falar, escrever, descobrir, interpretar situações, pensar de forma criativa, fazer suposições, inferências em relação aos conteúdos é um caminho que permite ampliar a capacidade de abstrair elementos comuns a várias situações, para poder fazer generalizações e aprimorar as possibilidades de comunicação, criando significados por meio da utilização da língua, constituindo-se como ser discursivo em língua estrangeira (PCN, 1998, p. 55).

Porém, segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (2008, p. 107) colocam que “infelizmente, na tradição do ensino

de línguas, a gramática tem sido utilizada como algo que precede o uso prático da linguagem”.

Apoiando-se na concepção Vigostkyana, que defende a aprendizagem como produto do meio social. Na aquisição da língua materna, primeiro desenvolve-se o ouvir, falar e conseqüentemente relacionar-se com pessoas por intermédio da linguagem. O educando ao chegar à escola já é falante competente de sua língua. A partir de então ocorre a aprendizagem formal de reconhecimento dos códigos da escrita e sons.

Por que no contexto do ensino de língua estrangeira, esse processo precisa estar invertido? Que métodos contribuem para desenvolver as habilidades e competências no uso prático da língua?

Para Almeida Filho (2002, p. 37) os métodos comunicativos no ensino de línguas caracterizam-se por dar uma maior ênfase na produção de significado do que de formas do sistema gramatical. O autor continua sua reflexão defendendo a necessidade do professor desenvolver atividades que incentivam o educando a pensar e interagir na língua-alvo.

Porém, os docentes parecem ainda presos às teorias tradicionais de transmitir conhecimentos sem reflexão, em detrimento das concepções contemporâneas de construir aprendizagens, em parte como produto de sua formação que os levam a uma postura conservadora, tendo como reflexo a insegurança em relação às mudanças necessárias de sua prática diante das transformações sociais.

Mas, e a gramática como fica dentro desse contexto? Almeida Filho (2002, p. 36) afirma que “[...] um método comunicativo não é aquele que exige um professor que execra a gramática ou outras formalizações, nem aquele que exige professor e materiais formativos para ensinar linguagem oral”.

Ainda acerca do uso da gramática no ensino de línguas Ratier (2008, p. 66) defende que o conhecimento didático atual vê o desafio de forma diferente. Segundo o autor, o professor precisa introduzir as regras gramaticais em situações reais de comunicação para que o aluno aprenda a Língua Estrangeira fazendo uso dela.

Aprender uma Língua Estrangeira vai muito além de memorizar gráficos e regras gramaticais. É tornar-se capaz de utilizá-la em diferentes contextos práticos do cotidiano. O desenvolvimento de habilidades de comunicação requer uma proposta didática que valorize o envolvimento dos aprendizes criando situações concretas de interlocução, estimulando-os assim, a construir conjuntamente suas aprendizagens, utilizando-se de uma abordagem metodológica motivadora e interativa.



## 8. Interação no processo de aprendizagem

Segundo Furtado (2007), a concepção construtivista de aprendizagem instalou o pânico nas salas de aula:

Como abrir mão de um referencial de conhecimento em quanto poder e desconstruir toda uma perspectiva de objetividade? Como deixar de ser um bom professor porque sabe o conteúdo e passar a ser um bom professor porque sabe mediar a aprendizagem? [...] Como conjugar na prática o verbo interagir? [...] Essas questões estão na base da construção do real papel do professor diante de uma aprendizagem significativa (FURTADO, 2007, p. 44).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais LE cada vez mais tende-se a explicar a aprendizagem como um fenômeno sociointeracional. Assim:

[...] o foco passa a ser colocado na interação entre professor e aluno e entre alunos atualmente [...] aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém, em um contexto histórico, cultural, e institucional. Assim os processos cognitivos são gerados por meio da interação entre um aluno e um participante de uma prática social [...] (PCN, 1998, p. 57).

Corroborando com essa afirmação Vigotsky (1999, apud Furtado 2007, p. 46) “justificando a necessidade de interação social no processo de aprendizagem [...] defende ainda que o próprio desenvolvimento da inteligência é produto dessa convivência”.

Diante disso, percebe-se a importância da relação harmoniosa entre os personagens que compõem esse cenário da sala de aula. Essa configuração no espaço da aprendizagem precisaria estar ajustada para que a produção do conhecimento ocorra de maneira criativa onde o professor possa incentivar e mediar esse processo:

Assim, é fundamental que desde o início da aprendizagem de Língua Estrangeira o professor desenvolva, com os alunos um trabalho que lhes possibilite confiar na própria capacidade de aprender, em torno de temas de interesse e interagir de forma cooperativa com os colegas. As atividades em grupo podem contribuir significativamente no desenvolvimento desse trabalho, à medida que, com a mediação do professor, os alunos aprenderão a compreender e respeitar atitudes, opiniões, conhecimentos e ritmos diferenciados de aprendizagem (PCN, 1998, p. 54).

Diante do exposto, pode-se concluir que a aprendizagem da língua inglesa desempenha também um papel de libertação. Assim o docente precisa atuar contribuindo com o desenvolvimento crítico do educando e refletindo sobre sua própria prática:

[...] Um projeto educacional libertador, visa a formação de homens conscientes de suas vidas e dos papéis que representam nelas. É impossível ensinar liberdade, cerceando idéias, oprimindo participações, e ditando verdades. Apercebermo-nos dessas atitudes é essencial para que iniciemos um real processo de transformação da nossa prática (FURTADO, 2007, p. 46).

Frente a esse contexto evidencia-se a importância do educador na formação geral do indivíduo, que vai muito além dos conteúdos e concepções de linguagem abordadas em sala de aula.

Diante do exposto, o trabalho teve por objetivo investigar o ensino - aprendizagem da língua inglesa, com ênfase na prática docente, na rede pública de ensino do município de Monte Negro, estado de Rondônia.

### **Material e Métodos**

Foi realizada uma pesquisa exploratória através de revisões bibliográficas e análise de documental das escolas (quadro de professores, diários de classe, regimento, etc), com o quadro de professores e análise do currículo *Lattes* dos mesmos, sendo observado a formação docente dos professores de língua inglesa, com o intuito de interpretar o processo de ensino - aprendizagem e refletir criticamente acerca da qualidade dessas aulas que são ministradas, de modo a confrontar com as teorias afins e à luz das orientações oficiais contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Estrangeira (PCNs-LE).

A pesquisa foi realizada no município de Monte Negro, fundado em 14 de fevereiro de 1992, localizado na região noroeste do estado de Rondônia, na BR 421, km 50, a 244 km da capital do estado:

[...] Limitado ao sul com Governador Jorge Teixeira, leste Ariquemes e Cacaulândia, oeste Campo Novo e Buritis, ao norte Ariquemes.[...] Monte Negro possui uma área de 1.413 km<sup>2</sup>. A zona urbana é dividida em quatro setores. A população do município é de 14.091 habitantes (2010), sendo que 60% vive na área rural, [...] (Censo de 2010 fonte IBGE) (BRASIL, 2010).

Foram constatados através de quadro de professores das escolas pesquisadas (escolas de ensino fundamental) que existem dez professores em seis escolas públicas, sendo duas urbanas e quatro rurais, e todas da Rede Municipal de Ensino.

### **Resultados e Discussão**

A análise dos documentos das escolas da rede pública municipal de Monte Negro - RO demonstrou que em relação a formação profissional, apenas 20% deles possuem formação superior específica em Língua Inglesa, 20% possuem formação superior em outras áreas do

conhecimento e 60% dos pesquisados não possuem formação acadêmica, dos quais 30% só possuem nível médio.

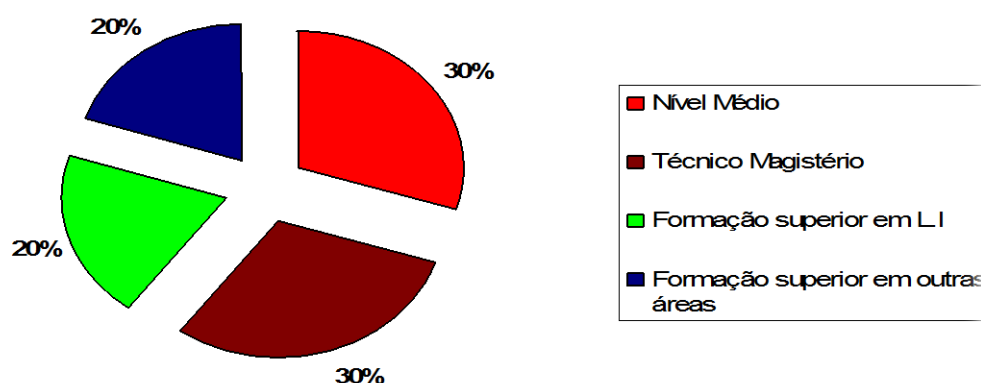


Figura 1. Formação profissional dos professores que lecionam língua inglesa em seis escolas municipais de Monte Negro - RO. (Fonte: Documentos das escolas)

Os dados das figuras de professores demonstram que 80% dos docentes que ministram a disciplina de Língua Inglesa não possuem formação adequada para ministrar essa disciplina.

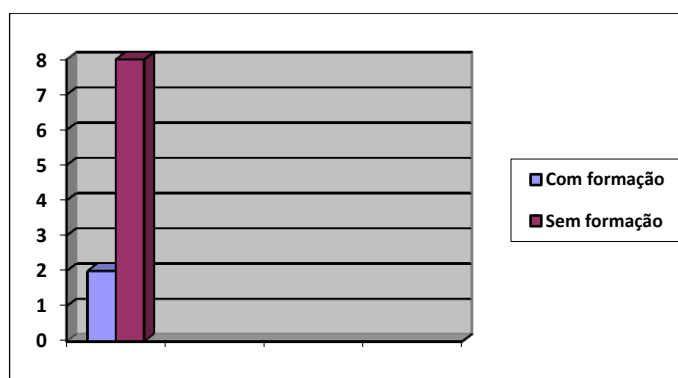


Figura 2. Metodologia de ensino da Língua Estrangeira por professores que lecionam língua inglesa em seis escolas municipais de Monte Negro - RO. (Fonte: Documentos das escolas)

Em conformidade com os resultados analisados na pesquisa, pode-se verificar que a formação dos professores de Língua Inglesa do município de Monte Negro está em defasagem em relação às exigências legais para o exercício do ensino da referida disciplina. O reflexo dessa formação deficitária está na presunção de pouco domínio que a maioria dos docentes deve ter por não ter uma formação adequada e propriamente dita para a disciplina de língua inglesa, e quem será mais prejudicado por falta de política pública adequada nesse caso

seria o aluno, que futuramente em concursos vestibulares, estará em desvantagens em relação aos alunos que tem aulas de inglês com professores formados e licenciados em língua inglesa.

As escolas da rede pública do município analisado parecem ainda não estarem adequadamente estruturadas para oferecer um ensino de qualidade a seus educandos, de modo a atender às exigências do novo modelo de sociedade da informação e da era digital. Percebeu-se isto, através da lista de materiais de T.I. (tecnologias da informação) existente nas escolas, onde os professores não estão suficientemente preparados a utilizarem as novas tecnologias necessárias à produção da aprendizagem significativa.

### **Conclusões**

A realização desta pesquisa permitiu a comparação entre teoria, que procura apresentar as condições ideais em que ocorre o ensino aprendizagem de Língua Inglesa, e prática, a qual consiste na realidade deste processo.

O estudo contribui para elucidar e reforçar algumas problemáticas enfrentadas na regência da disciplina de Língua Inglesa no município de Monte Negro - RO.

O ensino de Língua Inglesa terá mais qualidade quando o docente desenvolver não apenas o domínio pleno das habilidades na língua que ensina, mas sobretudo quando conhecer, souber e aplicar as metodologias e abordagens que norteiam o ensino de Língua Estrangeira, com o objetivo de orientar a construção do conhecimento do educando de maneira significativa e interativa, valorizando-o assim como ser social.

Na atual conjuntura exige-se que o docente esteja em constante atualização, pois sua profissão não está desligada da sociedade e suas transformações. Frente a isso, vê-se a necessidade do professor questionar-se sobre o que ensinar, com que, para quem e com qual objetivo.

Conhecer as orientações curriculares para o ensino de Língua Inglesa, incluindo os métodos e abordagens de ensino, possibilita a adequação do conteúdo de acordo com a realidade dos educandos, observados o objetivo que se pretende alcançar e os recursos disponíveis é de fundamental importância para que os professores consigam promover aprendizagem real e atinjam um nível de excelência no ensino de Língua Inglesa na escola pública.

Conclui-se que em prol da melhoria do ensino de Língua Inglesa, é essencial que os órgãos competentes invistam não apenas na estruturação do ambiente escolar e suporte

pedagógico, mas acima de tudo na preparação dos profissionais que atuam na disciplina em questão.

Consideramos que assim como o professor deve ser o maior fator de motivação para os alunos, os sistemas de ensino também devem oferecer estímulos para que o docente sintase motivado a buscar novas e melhores formas de ensinar, valorizar o seu trabalho através de ações concretas, tais como cursos de atualização, formação continuada para os professores que já são graduados na área e formação específica para aqueles que ainda não possuem. Parecem a nosso ver, medidas que maximizariam e certamente promoveriam uma mudança significativa no quadro atual do ensino de Língua Inglesa não apenas em Monte Negro, mas no país como um todo.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 3.ed. São Paulo: Pontes, 2002.75p.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: Senado Federal, 2008. 64p.

\_\_\_\_\_, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Contagem Populacional. 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ro/monte-negro/panorama>> Acesso em: 15 set. 2016.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: CIP, 2008. 240p

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília, MEC/SEMTEC, 2002.109p.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental língua estrangeira**. Brasília, MEC/SEF, 1998.121p.

CAVALCANTE, M. Onze maneiras divertidas de ensinar Língua Estrangeira. **Nova Escola**. São Paulo, ano XIX, n.177, p.55, 2004.

CELANI, Antonieta. Não há uma receita no Ensino de Língua Estrangeira. **Revista NOVA ESCOLA**, São Paulo, Ano XXIV, Nº 222, p 40-44, Maio/2009.

\_\_\_\_\_. **Ensino de línguas estrangeiras: olhando para o futuro**. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens**. São Paulo: EDUC, 1997. p.147-161.

- D'OLIM, G. Descobrir o mundo. **Nova Escola**. São Paulo, ano XVI, n.148, p. 50, 2001.
- LEFFA, V. J. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras**. 2.ed. Pelotas: EDUCAT, 2001.
- LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**. Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia-ensino-linguas.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.
- FURTADO, J. O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa. **Revista Aprendizagem**. Paraná, ano 1, n.2, p.44-46, 2007.
- GUIMARÃES, E. **Os estudos sobre linguagens: uma história das ideias**. Instituto de Estudos da Linguagem, 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling14.htm#10>> Acesso em: 05 jul. 2016.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Exame Nacional do Ensino Médio: documento básico**. Brasília: INEP, 2000.14p.
- KRASHEN, S. D. **Theory of second language acquisition**. 2007. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-krash.html>>. Acesso em: 30 maio 2016.
- LEIRIA, I. **Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino**. Lisboa, 1999. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2016.
- LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. Coleção Docência em Formação. São Paulo: Cortez, 2003.544p.
- MACEDO, Lino de, PETTY, Ana Lúcia Sicoli, PASSOS, Norimar Christie. Aprender com jogos e situações problema. Porto Alegre: Artmed, 2000. 106p.
- OLIVEIRA, L. E. M. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Faculdades de Letras, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1999. 193p.
- PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.232p.
- RATIER, Rodrigo. Impulso idiomático. **Nova Escola**. São Paulo, ano XXII, n. 212, p.66-69, 2008.
- SANTOS, A. L. P. **A realidade do ensino da Língua Inglesa nas escolas de ensino médio com base nos PCNs: uma visão crítico comparativa**. Belém, UNAMA, 2001. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografia/REALIDADE.PDF> >. Acesso em: 25 maio 2016.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.280p.

VIGOTSSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.224p.